

FACULDADE DE TEOLOGIA
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

SÃO PAULO - BRASIL



II SEMANA DE ATUALIZAÇÃO
TEOLÓGICA

TEMA

RUMOS DA TEOLOGIA HOJE E SEUS DESAFIOS:
TEOLOGIA E CIDADANIA

De 02 a 06 de outubro de 1995

Garanta já sua vaga pelo telefone: 274-8600 ou
Fax: 272-7630 (das 8h às 21h com Selma ou Adilma).

Para maiores informações, tais como: conteúdo do curso, questões referentes a hospedagem (caso seja de fora), falar com Pe. José Arnaldo (de 2ª a 5ª feira, das 13h às 17h) pelo telefone: 914-7337 / 914-2731.

O MODELO IGREJA SERVIÇO: UMA
ANÁLISE TEOLÓGICA DE MARCOS 10,42-45

Bruno Godofredo Glaab

Tendo como referencial Mc 10,42-45, o objetivo deste artigo é o de explicitar uma teologia que fundamente um modelo de Igreja baseado no servir.

Para isso procuramos obedecer os passos metodológicos da pesquisa bíblica: análise literária, análise histórica, análise teológica e análise eclesiológica.

A princípio, para as primeiras três dimensões, tivemos que nos valer de autores europeus. Já para a dimensão eclesiológica foi-nos possível utilizar autores latino-americanos, principalmente na linha da teologia da libertação, bem como confrontarmos com a prática das CEBs.

A hipótese que acompanhou este nosso trabalho foi a de que um antigo dito sobre a humildade ativa, vindo de Jesus, foi reinterpretado e retocado na comunidade pós-pascal e na Comunidade de Marcos para servir de base para o modelo de Igreja dos primeiros tempos. Portanto, também para a Igreja de nossos tempos.

QUANTO A ANÁLISE LITERÁRIA

Mc 10,42-45 faz parte da perícopes dos vs.32-45. Esta perícopes, por sua vez, situa-se dentro do contexto maior que compreende Mc 8,22-10,52 que é conhecido como o Caminho¹. O Caminho para Jerusalém (Mc 8,22-10,52) está todo projetado sobre os anúncios da paixão, morte e ressurreição como resposta às perspectivas messiânicas dos discípulos (8,27-30)². O texto-base desta unidade maior é a profissão de fé de Pedro (8,27-30). Como esta profissão de fé não podia ser entendida facilmente, o texto a ilustra. Mostra que diante desta realidade o discípulo é cego, por isto, no início e no fim se relata uma cura de cego (8,22-26; 10,46-52). Logo após o texto-base faz três momentos de instrução. Estes momentos são preparados por três anúncios da paixão e ressurreição (8,31; 9,30-31; 10,32-34). Diante de tal absurdo os discípulos se mostram cegos (8,32; 9,33-34; 10,35-41). Neste quadro,

1. GORGULHO, Gilberto e ANDERSON, Ana Flora. *O caminho e o seguimento de Jesus*. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1984, n. 2, p. 25-37.
2. DELORME, Jean. *Leitura do Evangelho de Marcos*, Edições Paulinas, SP, 1982. Coleção Cadernos Bíblicos, n. 11, p. 89.

Jesus pode instruir seus discípulos dentro das verdadeiras perspectivas messiânicas (8,32-9,29; 9,35-10,31; 10,42-45)³.

Mc 10,32-45 compreende a terceira faceta do Caminho, projetado à luz do terceiro anúncio da paixão. Logo, reflete a radicalização. O discípulo servo, a exemplo do mestre, serve até a doação da vida (10,42-45). Agora, o cortejo sobe para Jerusalém, centro do poder político e religioso, onde se dará o desfecho na cruz.

Como o Caminho da cruz está fora das cogitações dos discípulos, requer-se uma luz especial de Jesus para entendê-lo. Mc 10,42-45, inspiração nos dois relatos de cura de cego (8,22-26 e 10,46-52), bem como as instruções de 8,33-9,29 e 9,33-10,31, reflete a nova luz vinda de Jesus para corrigir uma visão messiânica triunfalista⁴, que poderia resultar da profissão de fé de Pedro (8,27-30). Para o discípulo de Jesus, não restam falsas esperanças, ele tomará a sua cruz e seguirá seu mestre (Mc 8,34-35).

Marcos, de forma didática, apresenta o Caminho (8,22-10,52) em estilo dialético, onde uma idéia é

anunciada, uma segunda se choca com ela e uma terceira faz a síntese. Este estilo marca o Caminho: 1º) anúncio da paixão, 2º) cegueira e 3º) instrução aos discípulos. A perícopes 10,32-45 também obedece a este estilo: anúncio da paixão (v.32-34), cegueira (v.35-41) e instrução aos discípulos (v.42-45). Este mesmo estilo também é constatado a nível interno, na formulação das frases.

O gênero das perícopes enquadra-se no gênero das sentenças ou ditos, sobre as quais o texto está construído⁵. Sentenças avulsas foram trabalhadas para se tornarem textos.

QUANTO A ANÁLISE HISTÓRICA

A perícopes de Mc 10,32-45 se compõe de três cenas diferentes que foram justapostas no período pós-pascal. A primeira cena, ou seja, o 3º anúncio da paixão (v.32-34) se repete pela terceira vez e tem semelhanças no relato da paixão (Mc 14,53-15,20). Isto implica sua dependência, ou seja, a primeira cena não tem tradição própria. É trabalho redacional⁶. Refle-

te conceitos pós-pascas, como o anúncio da ressurreição, o título do Filho do Homem. Além do mais, não se tem certeza se Jesus tivesse noção sobre sua morte imposta a ele em Jerusalém, bem como a idéia da ressurreição. Logo, os vs.32-34 não são jesuânico, mas redacionais.

“Ainda que 8,31 ou 9,31 se evidenciassem como tradição antiga, 10,33-34 em todo o caso seria redacional, como também a introdução, o v.32.”⁷

A segunda cena, os vs.35-41, obedece ao tríplice esquema de incompreensão dos discípulos (8,32; 9,32-37; 10,35-41), isto é, trata-se de um esquema didaticamente preparado⁸. O pedido de sentar à direita e à esquerda é conceito pós-pascal, isto é, *vaticinium ex eventu*⁹. Todas as imagens usadas nos vs.35-41 encontram paralelos: o pedido dos Zebedeus em paralelo no pedido do cego Bartimeu

(10,51). O cálice, em (Is 51,17,22.). O batismo, em (Is 43,2). O pedido dos Zebedeus está na ótica do Filho Homem, que é teologia pós-pascal. Além destes argumentos, alguns autores¹⁰ vêem os vs.35-41 como um *apophthegma* biográfico sobre a morte de Tiago. Logo, os vs.35-41 também não são jesuânicos.

Os vs.42-45 foram justapostos aos vs.35-41 ainda antes de Marcos¹¹. Originalmente este texto foi transmitido sem os contornos, isto se percebe ao comparar o texto com Lc 22,24-27, pois aí a mesma história vem em outro contexto¹².

Os vs. 42-45 são uma construção feita sobre um dito antigo¹³, por isto mesmo contêm parte jesuânica, ou seja, o conteúdo dos vs.43-44 tem origem em Jesus, que por sua vez o colheu da sabedoria rabínica. Estes versículos, no entanto, foram retocados posteriormente¹⁴. Os vs.42 e 45 são revestimentos e refletem a mão do reda-

3. MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos* - Coleção Grande Comentário Bíblico, Edições Paulinas, SP, 1992, p. 288.

4. ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a Correção de uma Ideologia Triunfalista*, Belo Horizonte, Centro de Estudos Bíblicos, 1988, n. 8, p. 19-23.

5. BULTMANN, Rudolf. *Die Geschichte der synoptischen Tradition*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 154.

6. SCHNACKENBURG, Rudolf. *O Evangelho de Marcos* - Coleção Novo Testamento, comentário e mensagem. Petrópolis, Editora Vozes, 1974, n. 2/2, p. 108.

7. LUHRMANN, Dieter. *Das Markusevangelium*, in: Handbuch zum Neuen Testament, Tubingen, J. C. B. Mohr, v.3, 1987.

8. ALEGRE, Xavier, op. cit., p. 19-23.

9. BULTMANN, Rudolf, op. cit. p. 23.

10. GNILKA, Joaquim. *El Evangelio según San Marcos*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1986, n. 2, p. 115.

11. PESCH, Rudolf. *Das Markusevangelium*, Freiburg - Basel - Wien: Herder, 1984, n. 2, p. 154.

12. TAYLOR, Vincent. *Evangelio según San Marcos*, Madrid: Ed. Cristiandad, 1979, p. 531.

13. BULTMANN, Rudolf, op. cit. p. 154.

14. PESCH, Rudolf, op. cit. p. 161.

tor¹⁵. Neles não é difícil perceber uma teologia pós-pascal. Os vs. 43-44 recebem reinterpretação. Originalmente eram mais simples. Provavelmente só falavam de humildade como Lc 9,48b; Mc 9,35; Mt 23,11. Então, também, os vs.43-44 sofreram retoque pós-pascal¹⁶. Assim, os vs.43-44 seriam a evolução de Lc 9,48b¹⁷. A noção de servir é reinterpretação comunitária a partir da ceia e de outros problemas comunitários (Fl 2,6-7). Portanto, servir é teologia pós-pascal.

Os vs. 32-45 refletem o contexto vital de Marcos, a turbulência no mundo rural da Galiléia dos anos 66-70¹⁸. Por um lado estão os dominadores romanos, por outro a aristocracia judaica, ao lado destes grupos de elite, pululam os movimentos de resistência popular que se manifestam na forma de banditismo social. A Comunidade de Marcos se aproxima dos movimentos de resistência popular¹⁹,

porém, como método diferente, não quer restaurar a antiga ordem judaica²⁰. A comunidade de Marcos pinta um Jesus que não se encaixa nos moldes, nem dos romanos, nem dos judeus, nem dos movimentos de resistência popular (v. 32-45). Jesus é um Messias diferente que passa pela cruz (v.32-34), logo quem quiser segui-lo fará o mesmo. A perícopa 10,32-45 tem seu lugar social nas comunidades pós-pascas onde se buscam cargos e privilégios. Colocando o terceiro anúncio da paixão, a redação continua o *segrêdo messiânico*²¹, ou seja, os cristãos não devem transferir a ambição dos grandes à pessoa de Jesus.

Os vs.43-44 refletem três contextos históricos diferentes. O primeiro vem de Jesus, o segundo da Comunidade pós-pascal e o terceiro da Comunidade de Marcos.

Jesus assumiu a máxima sobre a humildade (v.43-44) da sabedoria rabínica. A humildade é postura

crítica de Jesus que só reconhece o Deus absoluto e rejeita os falsos absolutos. Humildade é enfrentamento do sistema político e religioso. É uma humildade ativa. Esta humildade corroía o domínio romano²².

No contexto pós-pascal a máxima da humildade (v.43-44) sofreu reinterpretação. Recebeu influência dos pregadores itinerantes²³ e de Paulo (Fl 2,7-11; 1Cor 16,15; Rm 15,25). Os acontecimentos pascais também mudaram a concepção das Comunidades. O surgimento de novos missionários fez com que os mais antigos se sentissem tentados a terem privilégios e honras. Ambicionar honras era entrar na lógica dos grandes. Por isto era preciso frear tal ambição. Os evangelhos destacam a figura da mulher aos pés da cruz e como testemunhas da ressurreição (Mc 15,40-41; 16,1-9). Ela, na época, era a serva por excelência²⁴.

No contexto de Marcos, os vs.43-44 são a nova teologia de quem não quer repetir, nem a ideologia dos poderosos, nem a dos movimentos de resistência, nem

daqueles que combatem os poderosos com as armas por eles usadas, isto é, entrar na lógica dos dominadores. Não quer reconstruir o antigo regime, mas quer a novidade de Jesus, ou seja, uma nova maneira de se relacionar, onde será superada toda ordem hierárquica e excludente. A Comunidade de Marcos, usando a categoria do servir, inspira-se na figura da mulher do Novo Testamento²⁵, pois quase todas as vezes que se fala de servir, usa-se formas que eram exercidas pela mulher. Propondo servir como a mulher e a escrava, a Comunidade de Marcos inverte a lógica social.

QUANTO À ANÁLISE TEOLÓGICA

A antiga sentença sobre a humildade, oriunda de Jesus e de sua comunidade, é reinterpretada como serviço em ambiente pós-pascal pelo fato de a vida humilde de Jesus ter deslegitimado a ordem romana e judaica oficial e assim ter devolvido ao povo uma nova esperança. A cruz, base da instrução aos discípulos (v.42-45), foi um enfrentamento dos regimes que destro-

15. GNILKA, Joaquim, op. cit. p. 114.

16. SCHMID, Josef. Das Evangelium nach Markus. In: *Regensburger Neues Testament*. Regensburg: Friederich Pustet, 1981, p. 309.

17. PESCH, Rudolf, op. cit. p. 161.

18. MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos* - Grande comentário Bíblico, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p. 95-101.

19. MYERS, Ched, op. cit. p. 120-121.

20. MESTERS, Carlos. Os profetas João e Jesus e outros líderes populares daquela época. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis/São Paulo/São Leopoldo, Editora Vozes/Imprensa Metodista. Editora Sinodal, 1988, n. 1, p. 79.

21. TILESSE, Caetano Minete de. O segredo messiânico em Marcos. In: *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza, 1992, v. 7, n. 1, p. 6. A expressão é de William Wrede.

22. THEISSEN, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*, Petrópolis/São Leopoldo, Editora Vozes/Sinodal, 1989, p. 55.

23. THEISSEN, Gerd, op. cit. p. 18-21.

24. TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*, Petrópolis, Vozes, 1990, p. 88.

25. SCHOTTROFF, Luise. *Lydias ungeduldige Schwestern* - Feministische Sozialgeschichte des fruhen Christentums, Gutersloh: Chr. Kaiser/Gutersloher Verlag, 1994, p. 299.

em a vida. Se Jesus enfrentou tais forças, ele serviu para que houvesse mais vida. Também os discípulos devem fazê-lo para que a vida seja resgatada para todos. Neste trabalho teve a influência das Comunidades. Percebe-se isto em Paulo, Lucas e João. Lucas e João são mais recentes do que Marcos porém refletem como as Comunidades interpretam a vida e morte de Jesus. Neste trabalho comunitário de reinterpretação, as Comunidades partem do contexto dos últimos, ou seja, das escravas²⁶, para iluminar o servir de Jesus, bem como o dos discípulos, constituindo assim uma contestação de toda a maneira de agir da sociedade dominante. Os discípulos não devem copiar a sociedade, eles têm critérios. Enquanto para o mundo circulante servir era sinal de desgraça, para os discípulos é norma de vida. É nova ordem estabelecida que reage diante das relações sociais, religiosas e familiares. Servir é práxis do Reino de Deus que está se instaurando nas comunidades. A partir dos últimos(as)²⁷ busca-se resgatar as relações fraternas.

Nesta maneira de contestar, até a grandeza é diferente. Enquanto todos a buscam pela força, pela

sabedoria e mesmo pela religião²⁸, os discípulos a buscam como o servo e o escravo (Mc 10,43-44), como a criança (Mt 18,1-4) e como o jovem (Lc 22,24-27), isto é, nada esperam de si, mas tudo de Deus. Aqui também está uma deslegitimação do mundo romano, grego e judaico. Ser primeiro, para as Comunidades, é inverter a lógica dos impérios. Ali se é o grande por conquista, o que exclui o fraco, nas comunidades trona-se grande quando se deixa tudo (Mt 19,27-30) e quando se serve. Isto requer nova ordem de coisas. Desejar ser grande na lógica de Jesus (v.43) é demolir um mundo político, cultural e religioso.

O servir, no mundo grego, representa algo indigno de um homem²⁹. Para os judeus, servir era digno quando a Deus ou a alguma autoridade. Separava-se o servir a Deus do servir ao próximo (Lc 10,29-37). O servir proposto por Deus é unir o servir a Deus e aos irmãos (Mt 22,38-39; 25,31-46). Servir é por seus dons para o bem da Comunidade (1Pd 4,10). Jesus universaliza o servir; todos devem servir, pois isto é norma de vida para que todos tenham vida.

O primeiro na sociedade de então é o prepotente, mas o primeiro do Evangelho é inversão da hierarquia social. Quando Deus reinar (Is 44,6; Ap 1,17) então os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos³⁰. Na ordem querida por Jesus, justamente os que deixaram tudo se tornam os primeiros (Mt 19,29-30). Os vs. 43-44 lembram a prática do Reino, onde não há os tradicionais excluídos. No conceito primeiro está uma guerra à ideologia dominante.

O termo tem sentido humilhante no mundo grego. Alguém sem direitos, só com obrigações. No judaísmo tardio o escravo é gente de segunda categoria. Em Mc 10,44 o escravo lembra o último, e principalmente a última (Lc 17,7-10). Se o primeiro se fizer escravo de todos, acabará a ordem social hierárquica e a escravidão como sistema político, acabará.

QUANTO À ANÁLISE ECLESIOLOGICA

Jesus veio ao mundo para servir ao Pai. Nesta fidelidade ao Pai deve-se servir aos irmãos e irmãs.

A Igreja que vem na esteira de Jesus, por isto mesmo será serva. A única razão de sua existência é o servir (GS 3 e AG 12). Ela tem compromisso com o Reino de Deus já aqui na história³¹. Falando especificamente de Mc 10,42-45, pode-se dizer que o servir proposto nestes versículos fez com que a Igreja parta dos últimos e das escravas³² para reler a pessoa de Jesus, como o fez a comunidade de Marcos, que partiu do mundo das escravas. Faz também do servir, uma atitude contestadora e deslegitimadora do sistema, bem como inverte a ordem estabelecida em primeiros e últimos³³.

A Igreja, inicialmente servia muito espontaneamente (1Cor12; Rm 12; 1Pd 4,10-11). Com o passar do tempo, devido a muitos problemas, a Igreja começa a se estruturar. Nesta forma, institucionaliza os carismas, de sorte que quase tudo caiu nas mãos dos ministros ordenados³⁴. Os ordenados eram vistos como ontologicamente superiores³⁵. Até o Concílio Vaticano II tudo estava centrado nas mãos da hierarquia, com raras ex-

26. SCHOTTROFF, Luise, op. cit. p. 299.

27. SCHOTTROFF, Luise, op. cit. p. 299-300.

28. GRUNDMANN, Walter. Verbete: grande, in: Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament. Stuttgart: Verlag von W. Kohlhammer, 1942, v. 4, p. 538.

29. BEYER, Hermann. Verbete: servir. In: op. cit. v. 2, p. 81.

30. HAIDER-GRABNER, A. *Praktisches Bibellexikon*. Freiburg: Herder, 1962, p. 272.

31. BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder - ensaio de eclesiologia militante*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 16.

32. SCHOTTROFF, Luise, op. cit. p. 299.

33. HAIDER-GRABNER, A. *Praktisches Bibellexikon*. Freiburg: Herder, 1969, p. 272.

34. PARRA, Alberto. *Os Ministérios na Igreja dos Pobres - Coleção Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1991, p. 60.

35. EICHER, Peter. Verbete: Hierarquia. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo, Paulus, 1993, p. 340.

ceções, como as ordens religiosas que também tinham seus ministérios. No Vaticano II a Igreja resgata o conceito de povo de Povo de Deus (Lg 9), bem como o de sacerdócio comum dos fiéis (LG 34-36). Assim, os leigos começam a assumir, novamente na Igreja, seus ministérios. Na América Latina o Concílio encontrou eco em Medellín e Puebla, mas principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Nas CEBs o povo se reúne a partir da fé, daí ele entra numa segunda esfera que extrapola o campo estritamente religioso, busca amparar-se mutuamente em questões comunitárias³⁶. Desta esfera, aos poucos, ele parte para o enfrentamento dos problemas estruturais e inicia uma caminhada a favor da vida em todos os setores, como diz João Paulo II, interessa-se pelo homem, da concepção à morte (CA 54). Nas CEBs o povo se torna sujeito e o poder é partilhado³⁷. Nas CEBs, da melhor forma possível, o leigo juntamente em os ordenados, vive a exemplo de Mc 10,42-45 um servir que não compreende apenas gestos caritativos, mas a implantação de uma nova ordem eclesial, política, social e econômica. As

CEBs, pelo servir, deslegitimam uma sociedade baseada apenas no lucro. Ainda é possível sonhar com um mundo diferente.

Nas CEBs prima a ortopraxia sobre a ortodoxia. A Teologia da Libertação usa práxis como matéria-prima da reflexão, que é uma palavra segunda da palavra primeira da prática da Libertação³⁸.

No dizer de João Paulo II, a Igreja tem preocupação com o homem desde a concepção até a morte (CA 54). Isto significa que a Igreja não se esquecerá de apontar para o infinito, mas sem esquecer-se deste mundo. Sua missão não se restringirá ao campo estritamente religioso. Puebla ainda vê os ministérios um tanto centralizados nos ordenados (DP 804-805). Já em Santo Domingo supera-se esta visão e aponta-se para um compromisso extra-eclesial (SD 97).

Assim, finalmente, todos os membros da Igreja, quer ordenados, quer leigos, conforme as necessidades, são chamados e exercem seus ministérios para que este mundo seja o lugar onde o Reino de Deus inicia. Nas CEBs os ministérios são exercidos da melhor forma. Por isto, as CEBs não são um movimento de Igreja, mas não

são a maneira de toda a Igreja ser e evangelizar, ou viver conforme o pedido de Jesus em Mc 10,43-44.

Conclusão

Mc 10,42-45 traz um conteúdo que relê a pessoa de Jesus a partir das escravas³⁹. Por isso foi uma força propulsora das Comunidades de Marcos, subvertendo um mundo baseado no poder político (romano), no poder religioso (judáico) e no poder intelectual (grego). Nova ordem é protagonizar. Os discípulos têm Caminho alternati-

vo. Nas CEBs o servir que se aprende de Mc 10,42-45 tem a mesma função. Servir não se restringe a prestar socorros, mas é mudança de estruturas. Além disto, o servir é assumido por todos, conforme as necessidades que surgem.

Bruno Godofredo Glaab é Mestre em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
Cx. Postal 35
90001-970 Porto Alegre - RS

36. BOFF, Leonardo. Op. cit. p. 25.

37. Idem, p. 23

38. LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Libertação* - Roteiro didático para um estudo, São Paulo, Loyola, Coleção Fé e Realidade, 1987, p. 162.

39. SCHOTTROFF, Luise. Op. cit. p. 299.